

ACERTO DE CONTAS: *Credores não devem liberar verbas para o pacote de socorro*

Bancos privados devem ficar de fora do empréstimo de emergência ao Brasil

193
Secretário do Tesouro dos EUA admite, no entanto, que instituições podem ajudar

José Meirelles Passos

Correspondente

• WASHINGTON. A expectativa de que bancos comerciais estrangeiros fizessem parte do pacote foi descartada ontem pelo secretário do Tesouro americano, Robert Rubin, ao confirmar a disposição de seu Governo em participar do esquema de apoio ao Brasil. Ele justificou o apoio afirmando, uma vez mais, que "o Brasil obviamente tem enorme importância para os Estados Unidos".

Em sua opinião, uma vez que o pacote oficial envolvendo FMI, Bird, BID, Tesouro esteja pronto, os investidores privados deverão voltar suas atenções — e direcionar seu capital — para o Brasil. Os bancos, porém, não fariam parte do programa de emergência coordenado pelo Fundo:

— Não passam de rumores as versões de que instituições do setor privado estariam se preparando para conceder empréstimos ao Brasil. Até onde sei, isso não ocorrerá — disse Rubin.

Um de seus assessores disse que o valor real da participação do Tesouro americano depende da negociação com o Governo brasileiro e que ela poderá ir além dos US\$ 6 bilhões decididos a princípio. O prazo para o Brasil pagar o empréstimo e os juros também estão em discussão.

Banco Mundial dará mais recursos para área social

As parcelas do Bird e do BID deverão ser distribuídas de acordo com o seu sistema normal de empréstimos. Os juros atuais daqueles dois organismos são variáveis. Hoje estão em 6,98% anuais. E o prazo de pagamento varia de acordo com os projetos que recebem o financiamento, podendo chegar a 15 anos.

O presidente do Bird, James Wolfensohn, disse ontem que muitos projetos de desenvolvimento financiados pelo banco, no Brasil, foram atingidos pelas recentes turbulências dos mercados financeiros. E, por isso, aquele organismo vai injetar bem mais

dos que os habituais US\$ 2 bilhões anuais que costuma reservar ao país:

— Faremos tudo o que pudermos para ajudar o Brasil. Nossa função é a de financiar programas estruturais e sociais, e é exatamente isso o que faremos. Nosso dinheiro não irá para reforçar as reservas, mas sim para melhorar o padrão de vida dos brasileiros — disse Wolfensohn, ao participar de uma conferência na Seton Hall University, em Nova Jérsei.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, presente ao mesmo evento, revelou que o Fundo reservou os US\$ 15 bilhões para o Brasil mesmo antes do Congresso dos EUA aprovar a parcela americana referente ao aumento de capital do FMI — que receberá, nas próximas semanas, um total de US\$ 90 bilhões como reforço aos seus cofres.

— Creio que teremos em breve um acordo com o Brasil. Eu espero que, por conta do que os países latino-americanos têm feito ultimamente para fortalecer suas

defesas, o dominó latino-americano não cairá — disse Michel Camdessus.

FMI quer apressar operação de crédito para o Brasil

Um graduado funcionário do FMI disse ainda que o pacote brasileiro será encaminhado como o foi o da Coreia do Sul, em dezembro do ano passado. O Fundo usará procedimentos para apressar a operação, estipulados no Mecanismo de Financiamento de Emergência (EFM, em inglês), criado em setembro de 1995. Ele dá ao Fundo a capacidade de acudir rapidamente países que enfrentem crises financeiras externas e buscam apoio para implantar programas de ajuste.

Dos US\$ 21 bilhões obtidos pela Coreia do Sul, por exemplo, US\$ 5,6 bilhões foram desembolsados no momento em que se anunciou o acordo. Duas semanas depois saíram mais US\$ 3,6 bilhões. E quatro semanas mais tarde, o FMI liberou outros US\$ 2 bilhões para o país. ■